

## Enrique e Teresa, cara a cara *Uma palavra para o século XXI*

Asunción Codes Jiménez stj

Antes de começar, quero dizer que a minha intenção foi encontrar aquela palavra, experiência ou mensagem que tanto Teresa como Henrique, olhando-se cara a cara, pudessem subscrever juntos e sem margem para dúvidas. Por isso, e para evitar repetições, por vezes escreverei os seus nomes e outras vezes limitar-me-ei a citá-los implicitamente.

Se tivesse de resumir em poucas palavras a mensagem destes dois grandes místicos e profetas para este século, diria que se trata de um convite universal.

**Todos estamos convidados para o Banquete do Reino<sup>1</sup>**, para o encontro com o mistério de Deus encarnado em Jesus e na nossa história, nas circunstâncias especiais do nosso tempo e dos nossos contextos! A força da experiência de Deus nas suas vidas torna-se para todos nós hoje uma palavra viva de esperança, de confiança e de verdadeira alegria.

A experiência de fé conduziu cada um deles a um conhecimento e amor de Jesus, de si mesmos e do mundo, inteiramente peculiar, místico, que lhes fez provar, já aqui na terra, a salvação, entendida como experiência do que significa a dignidade indestrutível de cada pessoa, o senhorio de Deus e a liberdade interior para amar e servir: «Nisto consiste a vida eterna: que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro, e a quem enviaste, Jesus Cristo»<sup>2</sup>.

Teresa e Henrique conheceram um Deus que não busca outra coisa senão COMUNICAR-SE, e tratar de forma direta com

os seus filhos e filhas, que se revela como PRESENÇA que transforma e habita toda a criação, e como AUSÊNCIA que causa dor, mas que dilata o desejo do coração humano e o torna um buscador da Verdade. Pela fé, ambos suportaram nas suas vidas a densidade do MISTÉRIO e, ao mesmo tempo, descobriram a sua própria INTIMIDADE HABITADA por este mesmo mistério que é Deus.

Hoje agradecemos que a experiência de Jesus nos dois se tenha tornado tão concreta, tão essencial, tão fundadora e tão quotidiana, que não desejaram outra coisa senão dar a conhecer e fazer amar por TODOS esta «pérola preciosa», este «tesouro escondido», que enchia de sentido, alegria e liberdade o seu coração humano.

A sua palavra tornou-se experiência ao ponto de poderem repetir com o apóstolo: «O que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos tocaram do Verbo da vida, o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos».<sup>3</sup>

Graças a ele, tornou-se possível compreender o cristianismo tal como o definiu K. Rahner no século passado: «O cristão do século XXI ou será místico ou não será cristão». A sua experiência ajuda-nos a compreender que ser místico não é outra coisa senão SER CRENTE E ACREDITAR NISSO até às últimas consequências, consentir que a contemplação de Jesus desperte em nós a sua paixão por Deus e pelo mundo ao qual pertencemos

1 CP 19, 15: «Vede como o Senhor convida a todos...»

2 Jo 17, 3

3 1 Jo 1,1

enviados. Uma relação assim, ensinam-nos ambos, só se pode manter perdendo toda a confiança em nós próprios e depositando-a em Deus<sup>4</sup>.

Na sua escola, tornam-se-nos familiares palavras como fé, confiança, oração, amizade, zelo apostólico, obras... e todas elas recolocam cada um de nós no nosso lugar, porque nesta história Ele tem a iniciativa e procura-nos incansavelmente, enquanto a nós nos cabe descentrar-nos e transcender-nos – consentir que este verme construa o casulo onde vai morrer e nasçam asas à borboleta<sup>5</sup> –, caso contrário, é impossível que se encontrem as «condições» e se unam as liberdades. Liberdade é outra «palavra» que herdamos.

A sua mística remete-se sempre para a Escritura e dela se alimenta. Em sociedades que, como a nossa, desenvolveram os seus mecanismos para reforçar imagens enganosas da realidade, falsos reconhecimentos, aquela «honra» mal entendida que tanto fez sofrer Teresa de Jesus, a Palavra lida a partir das profundezas do seu ser revelou-lhes a verdade mais profunda de si mesmos, revelou-lhes Jesus e o verdadeiro sentido da busca da própria identidade perdida: «*Alma, procura-te em mim e a mim procura-me em ti*»<sup>6</sup>.

As suas vidas e escritos mostram-nos que a sua experiência mística não é alheia à dimensão eclesial, constitutiva de toda a vida cristã. A união com Deus que experimentaram realizou neles a incorporação ao mistério pascal de Jesus e fez com que fizessem parte do corpo místico. Os males da Igreja eram os seus males,

A pobreza apostólica e o pecado institucional dos sacerdotes e dos eruditos, os líderes da Igreja da sua época, encheram-lhe o coração de dor. Experimentaram a sua inserção no corpo eclesial; a sua experiência mística abriu-se à atenção e ao cuidado dos outros e dotou-os de um dinamismo evangelizador que está na raiz de grande parte dos seus esforços para comunicar a própria experiência, e de muitas das suas decisões inovadoras e criativas em favor de uma Igreja renovada.

Para Teresa e Henrique, acreditar em Jesus significava segui-lo. A escuta, a obediência e o seguimento uniram-se na sua contemplação de Deus e dos acontecimentos. A experiência mística consistiu em identificar-se com Jesus, em unir as suas vontades e em expressar o seu amor a Deus e ao próximo como as duas faces do único e verdadeiro amor. A partir do momento em que Deus se torna presente no rosto e na vida do Verbo encarnado, a fé que O reconhece nessa vida não pode prescindir da dimensão ética e do compromisso social e com toda a criação. Eles deixaram que o amor e a fé agissem para além do razoável e do sensato<sup>7</sup>. A sua «loucura de amor» levou-os a sonhar e a realizar os seus sonhos, porque compreenderam que *para isso servia o matrimónio espiritual, para que nascessem as obras*<sup>8</sup>. A escola de oração em torno de Teresa de Jesus, a reforma do Carmelo, as obras teresianas do século XIX, serão o fruto maduro daquele zelo pelos interesses de Jesus que ardia nos seus corações.

Gostaria de sublinhar, por último, que a experiência mística reveste-se de

4 V 8, 12

5 VM 2,2

6 Poemas: Procura-te em Mim

7 Organicémonos, 2, 6: «*Além disso, aqueles que vierem a ser os líderes desta organização católica não devem ser pessoas de grande perspicácia, pois tais indivíduos, baseando-se apenas, ou em demasia, em razões de prudência humana, raramente fazem algo que contribua para a honra divina*»

8 VII M 4, 6

formas e conteúdos próprios em cada tempo e circunstância. Não podemos deixar de viver a experiência de Deus em relação às características e aos desafios de cada época e cultura em que vivemos. A nossa atitude perante os factos que definem um momento histórico faz parte da nossa atitude perante Deus e o seu mistério insondável. Não podemos viver a relação com Ele se não consentirmos que Deus se nos revele nessas circunstâncias, e da forma como Ele decidir fazê-lo. Reconhecemo-lo assim em Teresa de Jesus, em Henrique de Ossó e em tantos e tantas místicas de todos os tempos.

Se quisermos ouvir a PALAVRA que eles têm para nós hoje, teremos de descobrir, nessa convite universal para participar no Banquete do Reino, a nossa vocação de místicos e profetas no século XXI<sup>9</sup>, mesmo que tenhamos de ir construindo uma nova experiência da mística para a qual este século nos conduz, com as suas luzes e sombras, desafios, crises e oportunidades. O drama da pobreza, a sede de espiritualidade, o obscurecimento de Deus e a falta de ética, os abusos de poder, a violência em qualquer das suas formas e a ausência de diálogo para procurar soluções para os conflitos, as mil formas de escravatura moderna, a globalização da indiferença e a crise económica que muitas famílias e povos inteiros vivem, etc., levar-nos-ão a desenvolver uma «mística da noite» ou uma «mística de olhos abertos», uma mística da rua, do encontro, dos sentidos ou da solidariedade, mas nenhum acontecimento será impedimento para que hoje acolhamos a nossa vocação de místicos e procuremos

juntos as formas de o ser, para podermos continuar a ser cristãos.

A partir destas chaves preliminares, creio que podemos afirmar que as palavras que hoje recebemos dos nossos mestres serão, sem dúvida, palavras de ESPERANÇA, porque sustentam uma forma de olhar e de estar no mundo que gera vida. Palavras que fortalecem a CONFIANÇA porque remetem a uma Presença que nos dá poder e nos fortalece. Palavras que ALEGRA o nosso coração porque dão asas para voar e criam laços que despertam o amor comprometido. Vamos atrás delas e deixemos que entrem em diálogo com a realidade que hoje vivemos nos diferentes contextos teresianos.

***Fé, oração e zelo pelos interesses de Jesus: Uma espiritualidade que nos torna «verdadeiramente espirituais» em contacto direto com as realidades deste tempo que é o NOSSO TEMPO***

*«Nada se pode comparar à fé simples, viva, eficaz e, digamos assim, cavalheiresca, de Teresa de Jesus, e que ela infunde em todos os seus seguidores...»<sup>10</sup>... «Vimos como Santa Teresa de Jesus organizou os exércitos dos fortes e os dotou de armas espirituais para que lutassem pela casa e pela lei do Deus dos exércitos. Uma dessas armas é a fé, e a outra, a oração. A fé que vence o mundo, a oração que vence o mundo e até o próprio Deus... Os dois castelos invencíveis, inexpugnáveis, de onde a alma se defende e faz guerra e sai sempre vitoriosa contra todos os inimigos são o amor e o temor de Deus; e a alma teme e ama mais a Deus nosso*

9 H. Bergson: «Quando o místico fala, há no fundo da maioria dos homens algo que imperceptivelmente lhe faz eco; revela-nos uma perspectiva maravilhosa, tal como quando um artista genial produz uma obra que nos ultrapassa, cujo espírito não conseguimos assimilar, mas que nos faz sentir a vulgaridade das nossas admirações anteriores; e se a palavra de um grande místico encontra eco em nós, não será porque em nós há um místico latente que espera apenas uma ocasião para despertar?»

10 Revista Teresiana. N.º 177, junho de 1887

*Senhor, à medida que creies na fé e perseveras e avanças na oração»<sup>11</sup>*

Fazemos parte de uma sociedade que vive as consequências de profundas mudanças sociais, económicas e religiosas. Todos nós sentimos, de alguma forma, inseguranças e incertezas, quer no âmbito profissional, quer no plano afetivo. Sentimos também que os nossos melhores projetos de vida estão marcados por grandes interrogações quanto ao futuro. Estamos a sofrer uma vulnerabilidade que nos leva a questionar-nos seriamente sobre em que Rocha firme estamos a construir hoje a nossa existência e a dos nossos filhos e filhas, alunos e alunas, irmãs, etc., e em quem depositamos a nossa confiança, que é o maior dom que temos e o mais frágil.

A dispersão, as crises de fé ou, melhor ainda, a «crise de Deus» em muitas das nossas sociedades, e a presença, ao longo do século XX, de formas massivas do mal, que têm a sua manifestação última na terrível injustiça que reina no mundo globalizado, que condena milhares de pessoas à fome, à pobreza sem, ou a tantas formas de escravidão moderna, bem como as buscas por uma experiência que sacie a sede, transcenda e dê sentido ao quotidiano e limitado das nossas existências, são realidades que hoje clamam à Família Teresiana de Henrique de Ossó.

A palavra que recebemos está relacionada com assumir a responsabilidade histórica perante este precioso legado da experiência de fé, do relacionamento de amizade, da fé que vence o mundo e da oração que inflama os corações. É preciso recriar aquele segredo que tornou Enrique e Teresa cúmplices nas suas grandes empresas: a confiança absoluta em Deus

em tempos difíceis e a partir da vulnerabilidade vivida nas nossas próprias histórias.

A experiência mística de que falávamos no início não é um caminho alheio à fé ou alternativo a ela; é precisamente o próprio aprofundamento da fé. Não é uma tentativa de evasão interior; é o próprio cristianismo e define-se pela tripla e única relação com o Mistério que se realiza na fé, na esperança e na caridade.

Não falamos da fé como a mera afirmação de algumas verdades; falamos de acolher a sua presença misteriosa, no mais profundo da realidade, e de confiar que percorremos o caminho em companhia. A nossa fé vence o mundo quando reconhece em Jesus o rosto vivo de Deus e lhe confere autoridade para que a sua Palavra e os seus gestos moldem os desejos, os pensamentos, as ações e toda a nossa vida adquira uma nova dignidade.

E não devemos esquecer que Jesus não vem para trazer tranquilidade, mas para gerar um processo doloroso e conflituoso de conversão radical: a «conversão do olhar», que purifica a pupila da alma, «o que há de mais divino no homem», segundo nos diz Santo Agostinho, e a «conversão do coração», na qual São Bernardo faz consistir a fé. Esta conversão do coração implica a passagem do coração «duplo e dividido» para o coração unificado e simplificado<sup>12</sup>, que nos permite reorientar todas as nossas relações e viver-nos não só como filhos de Deus, mas como irmãos responsáveis pelos nossos irmãos e irmãs.

Dizíamos que SER MÍSTICO É SER CRENTE E ACREDITAR NISSO, mas como podemos viver hoje a nossa fé, quais

11 RT n.º 178, julho de 1887

12 Mt 5, 8: «Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus» (Mt 5, 8), onde «coração» designa «o centro da alma [...] o todo da pessoa» e a pureza significa «a simplicidade ou a retidão de todo o ser»

são as formas mais eficazes de exercer o nosso ser de crentes, como nos ajudar a acreditar que o somos de verdade?

#### a) A ORAÇÃO

A oração, juntamente com a fé, é o outro pilar que vence o mundo e que inflama os corações. E continua a ser uma palavra para todos nós hoje. Porque é a expressão concreta e explícita da nossa atitude de crentes na vida: «Estamos» diante Dele e com Ele porque acreditamos.

*A oração é a porta para entrar neste castelo que cada um de nós é, ensina-nos Teresa, o caminho privilegiado para vivenciar a presença divina, embora não seja o único, o ato livre pelo qual nos reconhecemos, presentes, Deus e cada um de nós... «aquela que não percebe com quem fala e o que pede e quem é quem pede e a quem, não a chamo eu oração, ainda que muito mexa os lábios»<sup>13</sup> ... Podemos falar-Lhe como pai, como amigo, como senhor, como irmão, como esposo... Ele adapta-se a nós e fala-nos com palavras que podemos compreender.<sup>14</sup>*

Teresa pede-nos que desejemos e nos dediquemos à oração, não só para nos alegrarmos, mas para termos forças para servir. O melhor fruto deste caminho será uma vida como a que viveu o seu Filho, porque *«se estiver muito com Ele, como é razoável, pouco se deve lembrar de si; toda a sua memória se concentra em como O contentar mais e em que ou por onde demonstrará o amor que Lhe tem»<sup>15</sup>.*

Enrique falará da oração como alimento da fé, fundamento da existência, aquilo que nos torna poderosos perante Deus através da intercessão. Almas e mestres da oração, ele amou-nos. Vigilantes perante os «vios», que não

não são outra coisa senão desejos e amor, e propósitos confirmados com obras.

Esta relação de amor, este relacionamento de amizade, requer condições. A primeira? Entrar em contacto com os nossos desejos, experimentar a sede de uma amizade como esta. E a sede – tal como o desejo – pode crescer ou extinguir-se. Pode ser encorajada ou sufocada... Teresa, como mulher que se arrisca na busca que empreende, ensina-nos a trilhar esse caminho próprio, nunca antes percorrido por ninguém. E, para isso, teremos de decidir como cultivamos o desejo, que meios empregamos, que tempo dedicamos, que métodos procuramos, que companhias nos ajudam a partilhar melhor os prazeres e os trabalhos deste caminho de oração.

Precisamos de recuperar espaços de qualidade, sem pressas, momentos explícitos de solidão e silêncio onde a pessoa se encontra sozinha e na companhia do Amor compassivo, mas também misterioso, de Deus. No mundo em que vivemos, torna-se imprescindível um tempo de encontro conosco mesmas e de escuta profunda do que acontece à nossa volta. Espaços onde os nossos desejos se vão transformando em amor humilde e servil, como nos diz Francisco na sua carta dirigida ao bispo de Ávila na abertura do Ano Centenário: *«Hoje Teresa diz-nos: Reza mais para compreender bem o que se passa à tua volta e assim agir melhor. A oração vence o pessimismo e gera boas iniciativas. Este é o realismo teresiano, que exige obras em vez de emoções, e amor em vez de sonhos, o realismo do amor humilde face a um ascetismo ansioso! ... Quando o mundo arde, não se pode perder tempo com assuntos de pouca importância-*

13 1M.1,7  
14 Cf. CP 28, 3  
15 VII M 4, 6

*cia. Que esta santa ânsia de sair a percorrer os caminhos do nosso próprio tempo, com o Evangelho na mão e o Espírito no coração, contagie a todos! «Já é hora de caminhar!»<sup>16</sup>*

b) «A FÉ TORNA-SE REALIDADE ATRAVÉS DO AMOR» (Gal 5, 6)

Os místicos sempre insistiram na única e verdadeira orientação da experiência de fé: *«que não, irmãs, o Senhor quer obras... O proveito da alma não está em pensar muito, mas em amar muito... são apenas estas duas coisas que o Senhor nos pede: o amor à Sua Majestade e ao próximo, é nisso que devemos trabalhar»<sup>17</sup>*. Por outras palavras, a fé exige a passagem de uma mística de olhos fechados para uma mística de olhos abertos. Uma espiritualidade autêntica é aquela que nos faz conhecer o amor pela experiência e nos impele a partilhá-lo.

Vivemos numa civilização, fruto do mercado e da concorrência implacável. Assistimos a um progresso material prodigioso e explosivo, em que se torna difícil falar de solidariedade e fraternidade sem sermos tildados de ingénuos ou loucos. No entanto, figuras do século XX, como Teresa de Calcutá, por exemplo, parecem ter intuído que, sendo a injustiça e o sofrimento dos inocentes o que mais oculta a presença de Deus, só o amor efetivo pelas vítimas dessa injustiça pode manifestar a Sua presença nas circunstâncias atuais do mundo.

Não é possível uma relação mais vital com Jesus sem dar passos em direção a níveis mais elevados de verdade e compromisso com a realidade. Quanto mais nos aproximarmos

dele, melhor veremos as nossas incoerências e desvios, o que há de verdade ou de mentira no nosso cristianismo; o que há de pecado nos nossos corações e estruturas, nas nossas vidas e teologias.

O desafio que temos pela frente é imenso: saímos às estradas, estabelecemos uma relação de solidariedade com os pobres e, em comunhão com eles, desfrutamos do Banquete e da festa, porque estamos juntos e realizamos, finalmente, o milagre da inclusão social tão desejado por muitos!

E para realizar este sonho, precisamos, mais do que nunca, de recuperar a fé no poder do amor e nos gestos de fraternidade solidária que devolvem sentido à existência humana e à própria espiritualidade.

«Progresso» não significa acelerar, competir, enganar, invadir, agredir o planeta, consumir porque é preciso vender, mesmo que se destrua a verdadeira felicidade do ser humano. O desenvolvimento dos povos não pode ir contra a vida humana, mas sim a favor do amor, das relações de paz e cooperação, da família, dos amigos e de possuir o essencial para ser feliz. É preciso, portanto, resgatar a fé no compromisso com um autêntico desenvolvimento da humanidade ali onde estamos nós, teresianos, e isso significa estar conscientes de quais são os valores que ajudam a criar um mundo melhor e quais não, e concretizar as nossas respostas. E fazê-lo com **ousadia**, outra «palavra» da herança teresiana<sup>18</sup>, transmitida por Henrique de forma quase provocadora<sup>19</sup> e sábia.

16 Carta ao Bispo de Ávila na abertura do Ano Centenário (15-10-2014)

17 VII M 4 e F 5

18 Carta a Lorenzo 1561, 2: *«por muitas razões e causas das quais não pude fugir por serem inspirações de Deus... só digo que, na opinião de pessoas santas e letradas, sinto-me obrigada a não ser covarde, mas a colocar tudo o que puder na obra...»*

19 Revista Teresiana. N.º 177, junho de 1887: *«Os corações pusilânimes ou tímidos, os corações pequenos ou apertados, que só querem mostrar-se a caçar lagartixas, ou a andar a passo de sapo ou de galinha travada, pelo caminho do céu,*

Perante muitas outras formas de espiritualidade, devemos reivindicar um caminho espiritual que una o processo de interiorização ao compromisso social e em prol dos mais empobrecidos e excluídos da nossa sociedade; um processo em que a fé e o amor<sup>20</sup> assumem um protagonismo único face ao que é «razoável e sensato»<sup>21</sup>.

c) A MÍSTICA DA VIDA QUOTIDIANA,  
outra forma de experimentar a fé

Toda a pessoa é um ser habitado no seu coração por um Mistério maior do que ela própria<sup>22</sup>. Na escola de Henrique e de Teresa aprendemos que qualquer espaço humano, desde o privado e íntimo até ao público e social da praça, pode tornar-se um lugar simbólico da presença-ausência de Deus e paradigmático do encontro com Ele. Qualquer momento ou acontecimento histórico é possibilidade e mediação da experiência de Deus. Cada pessoa realiza a experiência de Deus de acordo com a sua situação histórica e individual, recorda-nos K. Ranher. Basta admiti-la e desenterrá-la entre os escombros das suas tarefas diárias, acolhendo simplesmente

que também «entre as painelas anda o Senhor»<sup>23</sup>. É preciso não fugir desta experiência inesperada, onde quer que ela se queira tornar presente, sem ruído e sem aviso prévio, e acolher com humildade os vestígios da autocomunicação absoluta e radical de Deus na nossa própria história.

Em suma, fazemos experiência Dele quando vivemos com fé o que vivemos: rir, chorar, trabalhar, comer, ter filhos, perdoar, aceitar a doença e a morte, etc. E a nossa vida pode tornar-se um contínuo e silencioso «seja feita a tua vontade», um incessante «venha a nós o teu reino», não pronunciado, nem pensado, mas vivido. É assim que entendemos a mística do dia a dia, como uma busca de Deus em todas as coisas. Aí está a sóbria embriaguez do Espírito de que falam os Padres da Igreja e os nossos místicos.

A experiência de Deus, centro da espiritualidade cristã e teresiana, pode e deve, portanto, ser vivida no quotidiano<sup>24</sup>. Não acontece à margem destas realidades. A sua autenticidade joga-se nelas e faz-nos permanecer atentos

---

*Vão para casa e vivam entre o pó e as teias de aranha do esquecimento, retirados para o quartel da ignomínia dos covardes. Os meus companheiros de armas devem ser todos almas verdadeiras, espíritos corajosos e valentes, como nobres cavaleiros que defendem a maior honra do nosso Rei Cristo Jesus por todo o mundo.»*

20 MeditCant 3:3: «Assim, aqui — como já disse — atuam o amor e a fé, e a alma não quer aproveitar-se do que o entendimento lhe ensina, porque esta união que existe entre o Esposo e a Esposa lhe ensinou outras coisas que ele não alcança e que lhe estão aos pés.»

21 Organic. 2:14: «Que aqueles que devem ser os líderes desta organização católica não sejam, portanto, pessoas de grande perspicácia, pois tais indivíduos, baseando-se apenas, ou em demasia, em razões de prudência humana, raramente fazem algo que contribua para a honra divina.»

22 H. van Balthasar

23 F 5, 8

24 F. Javier Vitoria, Não há «território comanche» para Deus, Ed. HOAC: «Quatro dimensões universais do ser humano: a estética, a ética, a interioridade e a inter-relacionalidade, constituem os espaços não confessionais onde qualquer pessoa pode mergulhar na experiência de Deus. Este acesso ao mistério de Deus pode ocorrer quando captamos no mundo e em nós mesmos um «plus» de realidade. Por vezes, esta experiência é guiada pela admiração e pelo espanto provocados pelo (ou pela sedução do) excesso de beleza, bondade, verdade e alegria das coisas, que, por analogia ou semelhança, nos revelam a identidade última dessa «presença» como a de Deus que se aproxima. Outras vezes, pela indignação e pelo sofrimento provocados pelo excesso de horror, maldade, mentira e sofrimento produzidos pelos poderes opressores da injustiça; são as «experiências de contraste», como lhes chamou E. Schillebeeckx, que dialeticamente nos revelam a presença do Deus que parece sempre esconder-se ou ausentar-se na negatividade da realidade. Mas sempre, sempre que isto acontece, ocorre «nas, com e sob» as experiências humanas quotidianas deste mundo. Só assim nós, seres humanos, podemos perceber algo mais profundo que trasluce na realidade e que revela o Mistério que nela reside: um Deus que incansavelmente procura encontrar-se com os homens e as mulheres para os tornar participantes da sua Vida. O que nós, seres humanos, percebemos na experiência de Deus não é Deus mesmo, mas o nosso mundo e a nós próprios à luz dessa experiência»

aos sinais da presença amorosa manifestada em tantos irmãos e irmãs e, de forma especial, nas vítimas da história atual, no sofrimento dos pobres e no obscurecimento de Deus que esta visão acarreta.<sup>25</sup>

**1. A grande dignidade e beleza da alma: Visão crente do ser humano e do mundo e a paixão pela verdade e pelo discernimento**

*«O mundo, minhas irmãs em Jesus Cristo, está a envelhecer,... mas Deus, nosso Senhor, que não quer a morte do pecador, mas sim que ele se converta e viva; Deus, que tornou as nações curáveis, deixou no seu seio germes de vida e restauração»<sup>26</sup>*

*«... não há motivo para nos cansarmos a tentar compreender a beleza deste castelo; pois, uma vez que existe a diferença entre ele e Deus, tal como entre o Criador e a criatura, sendo ele uma criatura, basta dizer que Sua Majestade é feita à sua imagem para que mal possamos compreender a grande dignidade e beleza da alma»<sup>27</sup>*

O olhar de Teresa e Henrique não era superficial. A Teresa dói a divisão da sua Igreja<sup>28</sup>, as guerras por causa da fé, o esbanjamento, a mentira social que se vive ao colocar a honra e a dignidade das pessoas onde não estão...

É na contemplação do seu povo e da sua Igreja, que constituem o seu mundo, que Deus chama o seu sacerdote para o tornar profeta. Henrique, como um novo-

Como Jeremias, faz da sua vida um clamor cheio de esperança e de ação: *«O que aconteceu à Espanha? O que lhe acontecerá se não se converter?»*... A par da vocação profética, surge a oração sacerdotal de Henrique, que é a oração de intercessão. Ele escreve, colocando na boca de Teresa de Jesus, as mais fervorosas súplicas em favor da sua pátria, pois as necessidades da Espanha são *interesses de Jesus*: *«Ó Senhor Jesus! Meu Esposo e meu Amado! Lembra-te de que um dia me prometeste que me concederias tudo o que te pedisse. A ti venho, pois, neste dia, pedindo-te que cumpas a tua palavra e dês paz à minha Espanha. Os meus olhos derretem-se em choro contínuo... As muitas lágrimas que derramei pelos desastres de todos os meus filhos espanhóis consumiram em mim todo o espírito vital... ao ver a ruína e a tribulação dos filhos do meu povo»<sup>29</sup>*. E esta forma de olhar para a realidade impele-a a dar respostas eficazes e radicais que vão diretamente às causas.

De ambos recebemos o convite para vivermos presentes no mundo e conscientes de tudo o que se passa à nossa volta. Deles herdamos uma forma de olhar para a pessoa, para a sociedade e para o mundo, que se torna profunda, compassiva, profética e contemplativa. Pela sua mão, conhecemos um Deus comovido pelos seus filhos e filhas e totalmente ao serviço deles.

O olhar sobre qualquer realidade pode ser transformador quando se mantém em contacto com o Jesus do Evangelho<sup>30</sup> e é capaz de

25 G. Gutiérrez, Beber en su propio pozo, Sígueme, Salamanca, 1984: *«A partir de Mt 25 compreendeu-se que o encontro com o pobre é um passo obrigatório para o encontro com o próprio Cristo. Mas, ao mesmo tempo, este encontro torna mais profunda e autêntica a nossa solidariedade com o pobre»*. Consequentemente, ambas as linguagens, a profética e a contemplativa, são necessárias; mas o são na medida em que se entrelaçam e se tornam uma só”.

26 Revista Teresiana 14, novembro de 1873

27 I M 1, 1

28 CP 1,3; 3, 1...

29 Revista Teresiana, agosto de 1876, 303-304

30 V 40, 1-3. O encontro com a Verdade Suprema através da Escritura reorienta toda a forma de olhar e compreender a vida em Teresa de Jesus: *«novo respeito por Deus... vontade de não falar senão coisas muito verdadeiras... ternura e alegria e*

descobrir *as brasas acesas* por baixo do manto de miséria e pecado que as esconde... Uma forma de olhar assim dignifica, aposta, devolve a confiança, face à incerteza, insegurança e vulnerabilidade que a pessoa e a sociedade do nosso tempo sofrem.

Para que este olhar não seja ingénuo nem manipulado, pede-se-nos que as diferentes situações atuais sejam reconhecidas, analisadas e interpretadas<sup>31</sup>. Viver na verdade e ser fiel à realidade do que acontece requer informações verdadeiras e um estudo sistemático para captar os sinais do Reino, mas também os sinais do anti-Reino<sup>32</sup> que clamam e indignam muitas pessoas de boa vontade. Aprimoremos o nosso olhar com estudo e diálogos, com solidão e silêncio orante, para DISCERNIR o que podemos e devemos potenciar, ou o que há que rejeitar e combater.

Não basta apenas olhar bem, mas permitir que dentro de nós irrompa uma guerra<sup>33</sup> que não nos deixe indiferentes por dentro nem rendidos perante a sensação de impotência e opressão face às dimensões do mal.

Perante a centralidade e a importância quase exclusiva do exterior, do imediato, do visível, do rápido, do superficial e do provisório, assumimos o compromisso de discernir o que significa para o mundo teresiano reconhecer a grande dignidade e beleza da alma perante os rostos da escravidão e da subjugação do homem pelo homem, de todos os

tempos, como nos recorda o Papa Francisco: trabalhadores, pessoas obrigadas a exercer a prostituição, crianças e adultos vítimas do tráfico e da comercialização para a extração de órgãos, ou recrutados para a guerra e a mendicância, produção e venda de drogas, ou formas encobertas de adoção internacional; sequestrados ou em cativeiro por grupos terroristas...<sup>34</sup>

A proposta teresiana tem uma palavra que restaura a dignidade em cada ser humano, começando por nós próprios. Na nossa Família Teresiana, é muito possível que alguns se sintam atraídos por esta missão e dediquem esforços a tender pontes com o mundo da cultura geradora de pensamento e avanços científicos e tecnológicos, com os criadores e as pessoas que difundem opinião, informações, análises... para apresentar uma versão do ser humano iluminada por esta experiência de Deus.

Perante as imagens distorcidas por interesses económicos, de muitos grupos de pessoas: migrantes e estrangeiros, excluídos e marginalizados, mulheres vítimas de tráfico ou de maus-tratos, ou simplesmente donas de casa ou trabalhadoras, jovens em situações de risco, adolescentes e crianças abandonadas, desorientadas ou exploradas, a família... temos o compromisso de oferecer nos nossos ambientes educativos, escolas de oração, grupos de MTA, comunidades religiosas, etc., a outra face que a nossa sociedade, cega por querer esconder

---

humildade...»

31 Cta. A Gracián, fevereiro de 1581: «Temos de olhar para os tempos que se avizinham...»

32 Mensagem do Papa Francisco de 1 de janeiro de 2015

33 MC 2,12: «Nunca deixem passar uma palavra sem que se mova uma guerra no vosso interior, o que se faz com facilidade se tiverem o hábito»

34 Mensagem do Papa Francisco de 1 de janeiro de 2015

necessidades pessoais ou partidárias, recusa-se a reconhecer.

Não bastam belos discursos sobre a grande dignidade do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus. Creio humildemente que a «visão crente», sustentada por uma relação com o Jesus do Evangelho, nos deve levar a desejar e a procurar o encontro real e o compromisso concreto com cada um destes sujeitos que, certamente, não nos poderão pagar<sup>35</sup>, como nos sublinha o Evangelho de São Lucas, mas a quem, por meio de pequenas ou grandes ações em favor da sua dignidade, estaremos a dizer que são um lugar teológico para nós, que contam e que, sem eles, a nossa experiência de Deus se esvazia e perde sentido e densidade.

Não podemos dormir porque não há paz na terra. É hora de despertar e redimensionar toda a realidade a partir dos nossos sentidos. A visão deve incendiar os nossos corações e, com todos os nossos sentidos postos ao serviço do Evangelho, deve mobilizar os nossos pés e as nossas mãos, tal como fez com estes dois místicos que viveram em fidelidade ao real.<sup>36</sup>

## 2. **Amigos fortes de Deus e dos nossos irmãos: a esperança num mundo fraterno e não de escravos**

<sup>37</sup>

*«Procurem a amizade e o convívio com outras pessoas que tenham os mesmos objetivos. É algo de extrema importância, mesmo que seja apenas para se ajudarem mutuamente com as suas orações; quanto mais quando há*

*muitos mais benefícios! E não sei por que razão (...) não se deve permitir que quem comece verdadeiramente a amar a Deus e a servi-Lo deixe de partilhar com algumas pessoas os seus prazeres e trabalhos, pois quem tem a oração tem tudo.»<sup>38</sup>*

*«Ninguém nasce perfeito neste mundo, e é necessário que aqueles que nos olham com amor e cuidado, a fim de nos ajudar, nos desiludam e nos digam o que devemos corrigir, o que devemos procurar para sermos como o Senhor deseja.»<sup>39</sup>*  
*... A Irmandade Teresiana será o **laço de união** de tantos corações que desejam um ponto comum para se animarem e trabalharem com ardor. Será o **centro** de todas as nobres aspirações de todas as almas que anseiam por fazer algo em benefício dos seus irmãos...<sup>40</sup>*

As nossas sociedades sofrem uma forte crise no tecido social e no seu compromisso de o regenerar. O conceito de comunidade e família vê-se deteriorado ou corroído por interesses obscuros, políticos e económicos. São oferecidas soluções que também não nos convencem, porque propõem um modo de vida que se fecha e se defende dos outros, erguendo muros, fechando fronteiras, justificando guerras e expulsões, ou anexações interessadas... Desenvolve-se uma consciência isolada e um sentido de autorreferencialidade que gera uma economia de exclusão e desigualdade, com graves desequilíbrios sociais... E ao lado disto

35 Lc 14, 10

36 Fidelidade ao real, Projeto formativo, p. 42; PET p. 92-94: Educamos educando-nos (abrir os olhos,...)

37 Mensagem do Santo Padre Francisco para a celebração da XLVIII Jornada Mundial da Paz, 1 de janeiro de 2015, «Não escravos, mas irmãos»

38 V 7,22

39 Organicémonos 2, 11

40 Revista Teresiana n.º 64, janeiro de 1878

surgem movimentos solidários de pessoas que se apoiam e se tornam espaldas para construir «outro mundo melhor e possível», propondo estilos de vida fraternos, em conversão, alternativos.

No meio destas circunstâncias, a palavra AMIZADE que herdámos dos nossos mestres ressoa com autoridade e enche-se de novo conteúdo, globalizando a fraternidade face à indiferença e à submissão das pessoas. Ela tem as suas raízes na rocha firme do amor-amizade forte de Deus. Com esta palavra, sublinhamos a dimensão comunitária da fé. Passando muitos momentos a sós com o Amigo, interiorizámos uma forma de viver a fé em companhia, à mesa partilhada, na amizade.

Se esta palavra é uma herança para toda a nossa Família Teresiana, temos de lhe dar profundidade e consistência, além de criatividade e amplitude. Sublinharei três aspetos que a caracterizam:

- ✓ A amizade aquece o coração e transforma-o num coração de carne, que se alegra e sofre, padece e se entristece, ri e se expande à medida que aprende a amar.
- ✓ A amizade permite-nos partilhar a intimidade, aquilo que constitui o núcleo essencial da nossa pessoa, o que é importante, o que se passa no interior, o que orienta e dá sentido à vida.
- ✓ A amizade compromete-se com os laços que cria, cuida e acompanha a

vida dos amigos e é expansiva e contagiante.

Hoje sinto que esta palavra se dirige às comunidades cristãs da MTA, à Companhia de Santa Teresa, às famílias e comunidades educativas e irmãs da Companhia em todo o mundo, às associações criadas com um cunho teresiano... É este o estilo que deve acompanhar-nos no nosso empenho em alargar o reino. Não nos apresentamos como juízes, nem como mestres, mas como amigos e amigas entre nós e do verdadeiro Amigo<sup>41</sup>.

S. Henrique acredita tanto na força poderosa desta união de corações, que fará o possível, em tudo o que empreender, para pôr em contacto corações que batem com o mesmo impulso<sup>42</sup>.

Neste século XXI, somos muitos os que precisamos de aprender a viver em chave de AMIZADE para sustentar os sonhos partilhados, para gerar conversas transformadoras, para fortalecer os corações. Não nos atrapalhemos na hora de fazer o bem, porque todos somos necessários. Vivamos as nossas relações com esse tom teresiano da amizade, que nos resgata de viver enganados, que nos ilumina nas nossas trevas e nos sustenta no desejo de humanizar a vida. A adesão explícita a este modo «amigável» de viver a fé será o que irá gestar a verdadeira Família Teresiana.

Mas a palavra AMIZADE deve levar-nos para além das nossas próprias fronteiras. O seu alcance universal nos con-

41 CP 4, 7

42 Revista Teresiana, n.º 60, setembro de 1877: «*Têm uma vantagem imensa (referindo-se à peregrinação convocada para celebrar o terceiro centenário da morte de Teresa), que é a de pôr em contacto corações que batem com os mesmos impulsos, que amam, que sentem e desejam a mesma coisa, que é dar a conhecer Jesus, zelar pela sua maior glória e pelos seus divinos interesses por meio de Teresa de Jesus. E com este contacto de corações generosos, pois não podem ser verdadeiros devotos da grande Teresa se não sentirem a centelha do zelo pela maior honra de Jesus a arder no peito, o zelo aviva-se, a chama da caridade adquire proporções imensas, e só Deus pode calcular os bens imensos que podem fazer brotar*»

nos levará a descobrir que a nossa maior missão é a de SERMOS IRMÃOS E AMIGOS de todos. A partir daí, ouvimos um convite para passar da competitividade à cooperação, para reforçar as estruturas de solidariedade comunitária, para inventar e explorar novas formas e estruturas de vida em REDE, incluindo a familiar. Amigos também da terra que nos acolhe e comprometidos em cuidar dela, em garantir a vida para as gerações futuras e em defender a equidade de género como forma de restabelecer as relações humanas em favor do futuro e da generatividade.

Amizade e encontro são duas palavras poderosas que nos tornam corresponsáveis na construção de sociedades fundadas em princípios éticos, solidários, inclusivos, democráticos e plurais<sup>43</sup>.

Temos também de aprofundar o sentido da AMIZADE a partir de uma perspetiva eclesial. Considero que, para um teresiano, esta vivência implica a concretização do seguimento de Jesus em comunidade, com outros irmãos e amigos no Senhor da Igreja local, convocados pela mesma fé. Significa viver o compromisso ativo de participar na Igreja nas suas circunstâncias reais, e procurar e realizar com ela novas estruturas que possibilitem a vida, a igualdade na diversidade de ministérios e a transmissão da fé na comunidade de crentes e para além dos seus limites. É tempo de caminhar construindo uma nova eclesialidade, em fraternidade, verdade e liberdade. Desejamos morrer como filhos fiéis depois de nos termos arriscado a viver em fidelidade a Deus, à humanidade e a nós mesmos.

A presença de outras tradições religiosas nas nossas cidades e aldeias compromete-nos a estabelecer um diálogo entre religiões em sociedades multirreligiosas, para configurar uma cidadania comum e para impulsionar iniciativas de justiça e paz.

À luz dos nossos mestres, aprendemos que o segredo para tornar possível este modo de «amizade» o encontramos na chave teresiana de nos DISPONIBILIZARMOS para deixar o Senhor agir, neste caso, para que Ele realize connosco a Família humana, a Igreja local, as comunidades cristãs, tal como Ele sonha. Cabe a cada um de nós identificar a barreira-fronteira-limite — mental, ideológica, cultural, social... — que nos separa dos outros, começando pelos mais próximos, as pessoas com quem vivo, trabalho ou estudo. E, depois, deixar agir o AMOR.

### 3. **O itinerário teresiano: um caminho de liberdade**

Se há uma palavra que atrai e encanta o ser humano, é a palavra liberdade. É justo que a nossa Família Teresiana acolha esta palavra como um dos melhores presentes da herança teresiana.

Tanto Henrique como Teresa encorajam-nos a viver escolhendo a vida, a erguermos e a assumirmos cada um a responsabilidade histórica que nos cabe<sup>44</sup>. A palavra liberdade fala-nos hoje de um dom imenso que Deus vai concedendo à pessoa na sua comunicação divina e de uma missão ineludível, que é a de usar o nosso poder para mudar o rumo da história, da Igreja, dos povos submetidos ao domínio dos poderosos e até de nós próprios.

43 PET, pág. 63-65  
44 F 4, 6

Só a partir deste dom precioso da liberdade pode ter lugar o nascimento do apóstolo e do profeta para estes tempos. Para fazer ouvir essas vozes pelo mundo com o sabor do Evangelho, que Teresa de Jesus ansiava, é preciso sintonizar-se com a voz que ressoa por dentro e com as vozes que clamam por fora, mas, mais ainda, é essencial que o evangelizador se veja libertado de si mesmo, dos seus medos e indecisões, da sua preguiça ou de sentimentos de inutilidade ou pobreza, de pretensões e falsas ambições. O apóstolo é convidado a percorrer um caminho de gratuidade que só se faz de mãos dadas com a liberdade.<sup>45</sup>

São Henrique, em cada um dos seus apelos, encoraja-nos a decidir, a pôr em jogo a nossa liberdade, a desejar com determinação, a assumir com responsabilidade a missão de concretizar os desejos que a experiência de Deus desperta no coração: *«Sois vós que deveis decidir e sentenciar, sem possibilidade de recurso, se a família e o indivíduo, e, conseqüentemente, se toda a sociedade, devem pertencer a Jesus Cristo ou a Lúcifer; a Deus ou ao demónio: se adorarão a virtude ou se abandonarão ao vício...»*<sup>46</sup> *«Apenas uma condição é exigida para saber manejar com destreza estas armas que todos temos à mão, e é: querer. Sim, querendo-se vence, querendo-se o mais fraco torna-se herói, e na batalha só são vencidos aqueles que querem, e só vencem aqueles que também querem»*<sup>47</sup>

Quando Teresa escreve sobre o que significou para ela percorrer este caminho do Espírito, ela resume-o como

um caminho de liberdade: *«Bendito seja Deus para sempre, que num instante me deu a liberdade que eu, com todos os esforços que fiz durante muitos anos, não consegui alcançar por mim mesma.»*<sup>48</sup>

E isto é uma grande notícia para todos nós hoje. Porque a experiência da comunicação de Deus é experimentar o amor, mas também a Verdade que dá sentido a tudo, cura a cegueira e liberta dos medos. Teresa fala-nos de uma experiência libertadora que lhe permite gerir o próprio mundo interior de sentimentos, paixões e emaranhados... liberdade para lidar com amigos e inimigos, pessoas agradáveis ou desagradáveis... liberdade perante perseguições ou contradições e liberdade perante o medo de sofrer que todos sentimos devido à nossa condição humana.

Após uma longa viagem pelos labirintos do desejo, Teresa descreve admiravelmente na 3.<sup>a</sup> Conta de Consciência, estando em Ávila no ano de 1563<sup>49</sup>, o processo de liberdade que experimenta em si mesma como fruto do itinerário vivido:

*... «Parece-me ter recebido de novo - pelo que percebo - muito mais liberdade. Até agora, parecia-me que precisava dos outros e confiava mais na ajuda do mundo; agora compreendo claramente que todos são como ramos de alecrim seco e que, ao agarrar-me a eles, não há segurança, pois, ao enfrentar algum peso de contradições ou murmúrios, eles partem-se. E assim tenho experiência*

45 Vida 30:21: *«Louve muito ao Senhor a alma que chegou até aqui e lhe dá forças corporais para fazer penitência, ou lhe deu letras e talentos e liberdade para pregar e confessar e levar almas a Deus; que não sabe nem compreende o bem que tem, se não passou pela experiência de saber o que é não poder fazer nada a serviço do Senhor e receber sempre muito. Seja abençoada por tudo e que os anjos lhe dêem glória»*

46 Revista Teresiana 14, novembro de 1873

47 Revista Teresiana. N.º 177, junho de 1887

48 Vida 24:8

49 Cartas Conciliares 3<sup>a</sup>

*que o verdadeiro remédio para não cair é agarrarmo-nos à cruz e confiar naquele que nela se colocou. Encontro nela um verdadeiro amigo e, com isso, encontro uma dignidade que me parece capaz de resistir a todo o mundo que fosse contra mim, desde que Deus não me falte... costumava gostar muito que me quisessem bem, e agora isso já não me diz nada; antes, parece-me que, em parte, me cansa... Nas grandes provações, perseguições e contradições que tive nestes meses, Deus deu-me grande ânimo; e quanto maiores eram, maior era o meu ânimo, sem me cansar de sofrer. E com as pessoas que falavam mal de mim, não só não me sentia mal com elas, como me parece que lhes sentia amor de novo...*

No n.º 4 da mesma relação, ouvimos como ela se foi libertando da força do desejo que também a tornou escrava em não poucas ocasiões. E sentir-se livre já não tem a ver com o cumprimento dos seus desejos, mas sim com os de Deus. A sua esperança e a sua confiança estão noutra lugar: «*Da minha natureza, quando desejo uma coisa, sou impetuosa em desejá-la. Agora os meus desejos fluem com tanta tranquilidade que, quando os vejo realizados, ainda não sei se me regozijo, se sinto pesar ou prazer; se não for em assuntos de oração, tudo é moderado, de tal forma que pareço tola; e assim ando por alguns dias*»

No n.º 7, ela descreve uma liberdade para sair de si mesma e sofrer e interceder pelas verdadeiras necessidades do mundo: «*Sinto em mim um desejo imenso, mais do que de costume, de que Deus tenha pessoas que, com total desapego, O sirvam e que não se detenham em nada do que há aqui, especialmente os letrados; pois, ao ver as grandes necessidades da Igreja, estas afligem-me tanto*

*que me parece uma afronta ter pena de outra coisa...»*

Liberdade para se conhecer na sua verdade mais radical sem que isso a paralisasse, liberdade para viver a partir do seu ser de mulher, tal como era em cada etapa da sua vida, e liberdade para saber a Quem pertence e em Quem centra os seus desejos, as suas lutas, as suas decisões e toda a sua vida: «*Chegam-me dias em que me lembro infinitas vezes do que diz São Paulo — embora certamente não seja assim em mim —, que nem me pareço viva, nem falo, nem tenho vontade, mas que está em mim quem me governa e me dá força, e ando como se estivesse quase fora de mim; e assim a vida é para mim uma pena grandíssima. E a maior coisa que ofereço a Deus como grande serviço é o facto de, por ser-me tão penoso estar afastada *Dele, por amor a Ele querer viver...*»<sup>50</sup>*

Nós, teresianos de Enrique de Ossó, familiarizámo-nos desde sempre com a força dos desejos, dos sonhos, da utopia, de tudo aquilo que nos faz transcender o limite de criaturas e nos coloca em movimento de saída, de dignificação e de comunhão com os outros e as outras. Mas, ao mesmo tempo, recebemos dos nossos mestres a tarefa de nos treinar para desfrutar desta liberdade e desejar à maneira de Jesus, sintonizar-nos com os seus sonhos, contagiar-nos da sua paixão e unir a nossa vontade à sua. Neste processo, familiarizámo-nos com palavras como determinação firme, permanecer, escolher, render-se, consentir... E assim, de nascimento em nascimento, percorremos o caminho da liberdade: libertos do próprio eu, passamos do mundo das necessidades e de viver a partir do próprio «desejo e interesse» para a união da nossa vontade com a de Deus. Passamos de «ser amigos» para viver em «aliança de amor» com Deus e com o seu

povo, cuidando das suas coisas e confiantes de que Ele cuida bem das nossas.

*«O Senhor recompensou-o bem, pois, sem saber como, encontrou aquela liberdade de espírito tão preciosa e desejada que os perfeitos possuem, onde reside toda a felicidade que se pode desejar nesta vida; porque, não desejando nada, possuem tudo. Não temem nem desejam nada da terra, nem os trabalhos os perturbam, nem as alegrias os agitam; enfim, ninguém lhes pode tirar a paz, porque esta depende apenas de Deus. E como ninguém Lhe pode tirar, só o medo de O perder pode causar-lhe pena, pois tudo o resto deste mundo é, na sua opinião, como se não existisse, porque nem o faz nem o desfaz para o seu contentamento.»*<sup>51</sup>

Não hesitamos em afirmar que isto continua a ser uma Boa Nova para a Família Teresiana e para todos aqueles que percorrem os caminhos da evangelização, da busca de si mesmos, da verdade e da liberdade. Celebremos!

#### **4. As obras teresianas do século XXI: Operacionalizar e concretizar hoje a fé e a experiência de Teresa de Jesus**

**... «No meio do mundo...», «com a vida querer servir em algo a quem tanto vê que deve...»**

O zelo apostólico de Teresa tem uma raiz que se chama AMOR e GRATIDÃO: *«Por outro lado, gostaria de se meter no meio do mundo, para ver se poderia contribuir para que uma alma louvasse mais a Deus; e, sendo mulher, aflige-se com o apego que a sua natureza lhe impõe, porque não pode fazer isto, e tem grande inveja daqueles que têm liberdade para clamar*

*proclamando quem é este grande Deus das Cavalarias.»*<sup>52</sup>

O zelo apostólico de Henrique alimenta-se do mesmo amor e gratidão, mas conta também com uma aliada inigualável, TERESA DE JESUS, A NOVA DÉBORA:

*“Vimos que a missão de Santa Teresa de Jesus neste mundo foi de combate, de conquistadora... derramando o próprio sangue pelo bem dos seus irmãos... E vendo-se mulher e fraca, como ela escreve, com mil amarras que não a deixavam voar para onde o seu zelo a impulsionava, que era converter o mundo e salvar todas as almas para o seu Esposo, chamou para o seu lado todas as almas reais que pôde, instruiu-as no manejo das armas espirituais da oração e da penitência, e, colocando-se à frente deste punhado de valentes, fez mais pela Igreja do que muitos outros célebres oradores, letrados e religiosos; porque soube amar, rezar e sofrer mais do que eles.*

*Os santos nunca morrem... As suas obras e o seu espírito vivem na sua família e, desde a glória do céu, velam com carinho paternal pelos filhos que deixaram aqui. Há três séculos que Teresa de Jesus está na glória... Há três séculos que esta nova Débora fundou um exército de fortes, e apesar da sua ausência, continua a sua marcha gloriosa e triunfal por este deserto da vida, animado pelo mesmo espírito e fortaleza com que a dotou a sua Mãe e Capitã invencível.*

Que, seguindo as pegadas de tão ilustre heroína, possamos sempre lutar sob a sua invencível e gloriosa

51 Fundações 5:7  
52 VI M 6, 3

bandeira, para a acompanhar no seu eterno triunfo na glória! Como alcançar tão grande prêmio? *Acreditando, esperando, amando, rezando e agindo como Teresa, pois ninguém será coroado senão aquele que lutar virilmente até ao fim.*<sup>53</sup>

Nas ESTRATÉGIAS do século XIX, ela oferece-nos uma chave essencial: manter o espírito vivo e ardente em toda a ORGANIZAÇÃO...:

*“... Ao tratar de organizar, de ordenar, de edificar, não se deve descuidar aquilo que mais eficazmente contribui para manter a união neste organismo; aquilo que une as pedras para erguer o edifício... A vida destas obras deve ser a vida de Deus; o espírito que as anima deve ser o de Jesus Cristo, que é o caminho, a verdade e a vida, e que veio a este mundo para que todos a tivéssemos em maior abundância... Além disso, para perseverar na prática destas obras de zelo, é necessário continuamente muito espírito de sacrifício: sacrifício de comodidades, de tempo, de interesses materiais por vezes, e, mais ainda, do próprio juízo e da própria vontade. E isto, sem o pedir todos os dias na oração, não se alcança; sem a meditação séria e contínua das grandes verdades da fé não se pode possuir... E, como observa a nossa sabíssima doutora Teresa de Jesus, o demónio não deixará de fazer guerra às grandes obras...”*<sup>54</sup>

A pluralidade de situações, gritos e reclamações, nos diferentes contextos, torna difícil detalhar e concretizar as novas

Não se trata de estratégias apostólicas ou respostas organizadas que o carisma teresiano de Henrique de Ossó possa oferecer hoje. Mas é possível resgatar alguns traços que mantiveram vivo e ardente o espírito daquelas «obras teresianas do século XIX» e que podem ser uma palavra revitalizadora para as «obras teresianas do século XXI».

- À luz da admiração que Teresa desperta em Enrique pela sua grande coerência ao propor uma alternativa aos males do seu tempo<sup>55</sup>, renova-se em mim a certeza de que, para um teresiano/a, é ineludível começar a experimentar a mudança proposta nas estratégias apostólicas que inicia. A criatividade, a liderança, as propostas nascem de uma experiência pessoal que tem o poder de nos transformar e humanizar, a nós os primeiros.
- Divulgar e acompanhar a fé e a relação com Jesus: Em diálogo com o mundo atual, renova-se em mim o compromisso de aproximar e tornar acessível a experiência de Deus a TODOS. Aproveitar as buscas de segurança e de sentido, a sede de justiça e de paz verdadeira, a necessidade das pessoas simples de acreditar e confiar. Servir-nos dos meios de comunicação e informação que estão ao nosso alcance e das novas tecnologias para difundir experiências, formas de orar, interpretações da realidade que abram os olhos e o coração. Dar profundidade e densidade à mensagem da salvação, unindo a relação afetiva com Deus e a dimensão ética da fé. Não somos «espirituais de elite», não falamos para os perfeitos, nem para os privilegiados. Tudo

53 Revista Teresiana. N.º 179 Agosto de 1887

54 Organizemo-nos 3:8-10

55 Revista Teresiana N.º 174 Março de 1887

o que dissemos até aqui é património da humanidade, tal como Teresa de Jesus o é, e é-nos confiado para que os simples e os humildes o desfrutem e se regozijem.

- Que todos conheçam e se familiarizem com a vida e os escritos de Teresa de Jesus, que a descubram como orante, mas também como viajante e fundadora, como escritora e como mulher real, com uma enorme sede de verdade, de amor verdadeiro, de justiça e de liberdade. Que a conheçam não tanto para a admirar, mas para seguir os seus passos e aprender com ela a viver esta vida, para a sentir como companheira de caminhos pouco transitados, para nos lançarmos na aventura do Espírito com a autenticidade que a caracterizou.<sup>56</sup>
- Renovo a minha confiança numa EDUCAÇÃO TERESIANA que busca a transformação social em todas as suas formas. A urgência de lutar por uma mudança cultural, e não apenas de estruturas, que nos liberte da submissão cega à economia e ao mercado, e nos comprometa como cidadãos críticos, ativos e transformadores; a crise do projeto humano e dos valores éticos, a grande necessidade de construir com outros e outras uma proposta ética universal que nos permita avançar

no processo de humanização e nos ajude a chegar a um consenso sobre medidas sociais, económicas, morais... nas nossas sociedades, faz com que hoje pensemos na educação, sistemática ou alternativa, profissional, ou entendida como acompanhamento de processos que ajudem a pessoa a orientar a sua vida, as suas capacidades e opções ao serviço do bem comum, como um dos fatores de mudança mais importantes que temos nas nossas mãos.

Para isso, precisamos de desenvolver uma capacidade de autocrítica institucional, e não apenas pessoal, para não cairmos numa abordagem ideológica sobre a educação transformadora. Convido os teresianos de todo o mundo a desenvolver essa paixão pela verdade e o compromisso de «desiludir-nos uns aos outros, dizendo-nos verdades» que comprometem as nossas instituições a fazer uma reflexão séria e profunda sobre as suas propostas, métodos e concretizações, para que sejam mediadoras de verdadeiras mudanças.

A ESCOLA terá de se afirmar como um dos espaços vitais para formar para a vida. «Saber conviver com os outros»<sup>57</sup>, apela à ética

56 Colóquio com Juan Mayorga, encenador da peça de teatro «La lengua en pedazos»: «A Teresa é uma pessoa extraordinária... Costumo dizer que a Teresa é uma pura-sangue, é uma personagem que está em jogo de vida ou morte em cada palavra, em cada ato, em cada gesto. É uma mulher cheia de vida, cheia de amor, cheia de preocupação pelo outro. E, provavelmente, também uma mulher atormentada pela dúvida, não é? Nesse sentido, interessa a qualquer pessoa. Não me surpreende que alguém que não seja crente se interesse por TERESA»

57 Aprender a conviver, eixo do debate “Educar num mundo em mudança” UNESCO-WISE em Doha – Diretor-Geral dirigindo-se ao Painel WISE-UNESCO sobre Educação num Mundo em Mudança, 31 de outubro.

No seu apelo a uma mudança de paradigma no desenvolvimento, a Diretora-Geral da UNESCO, Irina Bokova, afirmou em Doha (Catar) que «temos de repensar os fundamentos da educação para os novos tempos, reforçar os direitos humanos, aprofundar o respeito e a compreensão mútua, para podermos responder a um mundo em mudança». Bokova participou na sessão de abertura da mesa redonda coorganizada pela UNESCO a 31 de outubro na Cimeira Mundial de Inovação para a Educação (WISE).

Os membros da mesa de debate tomaram os quatro pilares da aprendizagem estabelecidos no relatório Delors, publicado em 1996 pela UNESCO (aprender a ser, aprender a saber, aprender a fazer e aprender a viver em sociedade), como ponto de partida para um debate sobre qual a visão que deveria orientar a educação no futuro. Escolheu-se o princípio «aprender a viver em sociedade» como o princípio fundamental que deveria estruturar a educação numa sociedade que nunca antes tinha estado tão integrada e, ao mesmo tempo, tão vulnerável como está agora. «Os quatro pilares têm de se tornar valores que sejam integrados na educação: justiça social, direitos humanos, solidariedade e igualdade de género. Temos de nos proteger uns aos outros e, juntos, proteger o ambiente; estes são os valores que têm de orientar a mudança», afirmou Angie Motshekga, ministra da Educação Básica da África do Sul.

como mediador indispensável para sabermos dirigir-nos à praça pública e dialogar, negociar e construir com quem, certamente, não pensa ou não acredita como nós.

A aldeia global exige a formação de um cidadão global para o século XXI, um cidadão global que saiba identificar as lacunas humanas do nosso tempo, que saiba descobrir os desafios sociais do nosso planeta e que saiba propor uma nova ordem social, aproveitando a globalização para construir um mundo menos desigual, mais pacífico e mais sustentável.

É bom continuarmos a perguntar-nos: Que pessoas e cidadãos globais está a formar hoje a educação teresiana no mundo?

Que cidadãos globais deve formar? Estamos prontos para educar de cara ao que é e será o século XXI? A aldeia global precisa de cidadãos globais que aproveitem as novas tecnologias para construir uma comunidade internacional, para fortalecer a sociedade civil global, para tecer redes a partir do multiculturalismo, para defender os direitos humanos dos migrantes, das crianças, das mulheres, para construir a paz global, para distribuir melhor a riqueza entre as nações.

Educar cidadãos globais é promover pessoas capazes de se movimentar no mundo e, a partir daí, construir com os outros uma humanidade melhor.

- O poder do apelo ou da convocação e a graça da liderança partilhada hoje. Não duvidamos do poder de convocação e liderança que tiveram estas duas figuras que nos convocam

também a nós hoje e ao longo do ano de 2015. Enrique expressa-o sem ambiguidades: «Sob as bandeiras destas duas heroínas incansáveis (Maria e Teresa), convida-vos a lutar aquele que vos ama em Jesus Cristo e que aspira a salvar a pátria e o mundo, salvando-vos a vós».

Teresa, a «ladrã de corações», exerceu o seu poder de sedução pelo conteúdo da sua proposta vivida, pela sua palavra verdadeira dirigida ao coração de cada pessoa e pelos seus gestos coerentes com aquilo em que acreditava. O testemunho de Maria de São José, uma das suas seguidoras, é muito eloquente: «O Senhor chamou-me à religião ao ver e ao tratar a nossa Mãe e as suas companheiras, que comoviam até as pedras com a sua vida e conversação admiráveis, e o que me levou a segui-las foi a suavidade e a grande discrição da nossa boa Mãe. E acredito sinceramente que, se aqueles que têm a missão de conduzir almas a Deus usassem daquela habilidade e destreza que aquela Santa usava, alcançariam muito mais do que alcançam» (*Livro das Recreações*, 2)

As suas certezas na hora de convidar outras pessoas podem certamente questionar a nossa timidez para convidar, propor, convocar em favor da causa do Reino. Viver a liderança teresiana hoje compromete-nos a encarnar uma forma de exercer o poder que humaniza, porque o centro é Jesus e o seu Evangelho, que mobiliza por dentro e conta com TODOS, porque todos somos necessários, cada pessoa é única e merece uma atenção pessoal.

Considero importante alargar este sentido de «chamada» para que

Convidemos também a participar, ou sintamo-nos convidados a participar, noutras plataformas ou espaços que lutam pela defesa dos direitos humanos, pela educação para o consumo, pela criação de redes para alcançar a igualdade, a justiça social, a defesa do planeta Terra, etc. Todas estas seriam formas de associação não confessionais, mas muito humanizadoras.

- Discernir bem os agentes de transformação social e os destinatários da nossa ação evangelizadora. Não podemos deixar de optar preferencialmente, em cada um dos nossos contextos, pelas crianças, pelos jovens e pelas mulheres, atualizando o seu papel histórico e as suas relações na Igreja e na sociedade. Mas gostaria de chamar a atenção para os setores mais vulneráveis destes grupos hoje: crianças submetidas a condições de vida e de trabalho impróprias para a infância; jovens em risco ou em situação de exclusão social; mulheres marginalizadas, maltratadas ou que sofrem as consequências da desigualdade de género; famílias com uma necessidade especial de serem acolhidas, acompanhadas e protegidas por terem de enfrentar situações atípicas no seu projeto de vida, segundo uma mentalidade eclesial ou social.
- Acreditar no poder da humildade e da resiliência para viver este tempo com a ousadia dos pobres e dos simples, dos puros de coração, dos amantes e dos amigos do Senhor do Reino. A resiliência é descrita como o espaço e o tempo entre a desilusão e o compromisso, entre a

tristeza e a cura, entre a ofensa e o perdão.<sup>58</sup> Enrique falar-nos-ia da virtude da fortaleza, que tem duas partes: sofrer e empreender<sup>59</sup>. O certo é que não acolhemos esta herança teresiana com a sensação de que somos capazes de o fazer, ou de que nos sentimos fortes, mas a partir da verdade que nos é oferecida todos os dias, em cada obra e tarefa: «Sem Ti nada podemos fazer, mas contigo tudo podemos». Sofreremos contradições, cansaço, sabemos que «nas grandes obras o demónio não deixará de fazer guerra»<sup>60</sup>, mas voltaremos a ter energia suficiente para sermos geradoras e capazes de agir com a coragem e a profundidade da imaginação e da fé.

A experiência de Deus, a fé, a oração e o zelo apostólico, o olhar de crente, a amizade, o caminho da liberdade, as características das obras teresianas do século XXI: foram estas as palavras que humildemente retiro da experiência e das palavras dos nossos dois mestres. Espero que alguma delas tenha ficado gravada no vosso íntimo, para que possa despertar algo dentro de vós.

Termino deixando no vosso coração esta frase inacabada: Se eles voltassem hoje... que palavra ouvirias no teu coração de mulher, de homem, de irmã da Companhia, de sacerdote, de membro da MTA, de associado/a, de voluntário da FundEO, de leigo ou leiga comprometido com a proposta teresiana de Enrique de Ossó... Quando quiseres e puderes, partilha-a connosco. Obrigado.

58 Robert J. Wicks, *Rebote: Vivendo a Vida de Resistência* (Nova Iorque: Oxford University Press, 2010); Jill Geisler, *Trabalhar Feliz: O que os Bons Chefes Sabem* (Nova Iorque: Hachette Book Group, 2012): «Reconheçam e afirmem o poder da resiliência nas vossas próprias vidas!»

59 Revista Teresiana n.º 172, janeiro de 1887: «A virtude da fortaleza tem duas partes, que são: sofrer e empreender. Raramente se encontra a conformidade nas dores sem a condição de um coração corajoso»

60 Organicismos 3, 10